

PAISAGEM URBANA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE HISTÓRICA DE PIRENÓPOLIS-GO

Gilliard Pedro Marques¹

Odelfa Rosa²

RESUMO

Desenvolvemos este artigo a partir do trabalho de campo realizado na cidade histórica de Pirenópolis-GO, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Objetivamos, nesse ensejo, debater brevemente o conceito de paisagem urbana e, paralelamente, discorrer sobre as análises da paisagem urbana realizadas na cidade histórica supracitada, nos dias 26 e 27 de junho de 2014. Para entender e melhor elucidar a temática, as metodologias adotadas foram a pesquisa teórica e a pesquisa de campo. Na primeira, realizamos a revisão bibliográfica de livros, artigos e *sites* que abordam o conceito de paisagem urbana na Geografia. Dentre as referências, destacamos Carlos (1992, 1994), Corrêa (1990) e Santos (1996). No segundo momento da investigação, ou seja, na pesquisa de campo, percorremos e conhecemos, com um guia turístico, alguns locais da cidade de Pirenópolis-GO. Das discussões realizadas, podemos frisar, de antemão, que o olhar do geógrafo não pode ser o olhar do turista. Ao analisar o centro histórico colonial da cidade de Pirenópolis-GO, temos que questionar, também, os seus usos e quem, realmente, tem a possibilidade de usufruir daquela construção histórica que se transformou, pelo turismo, em uma mercadoria.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade histórica. Paisagem urbana. Geografia.

URBAN LANDSCAPE: SOME CONSIDERATIONS ON THE HISTORIC TOWN OF PIRENÓPOLIS-GO

ABSTRACT

We developed this paper through the fieldwork conducted in the historic town of Pirenópolis-GO, by the Post-Graduation Program in Geography/Federal University of Goiás, Catalão Regional. We aimed, in this opportunity; discuss briefly the concept of urban landscape and, in parallel, the analysis of the urban landscape conducted in the abovementioned historic town, on 26 and 27 June 2014. To better understand and elucidate the subject, we used the methods: theoretical research and fieldwork. In the first method, we performed a literature review of books, papers and websites that discuss the concept of

¹ Geógrafo, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. gilliardfc21@gmail.com.

² Geógrafa, Professora da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. rosaodelfa@gmail.com.



urban landscape in Geography. Among the references, we highlight Carlos (1992, 1994), Corrêa (1990) and Santos (1996). In the second phase of the research (fieldwork), we have traveled and got to know, together with a guide, some local of the town of Pirenópolis-GO. Of the discussions, in advance we emphasize that the perception of the geographer cannot be the tourist's perception. Analyzing the historic colonial center of Pirenópolis-GO, we need to question their uses and who really have the chance to enjoy that historic architecture that was transformed, by tourism, into consumer goods.

KEY-WORDS: *Historic town. Urban landscape. Geography.*

PAISAJE URBANO: ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE LA CIUDAD HISTÓRICA DE PIRENÓPOLIS-GO

RESUMEN

Hemos desarrollado este artículo desde el trabajo de investigación de campo llevado a cabo en la ciudad histórica de Pirenópolis-GO, a través del Programa de Postgrado en Geografía de la Universidad Federal de Goiás, Regional Catalão. El objetivo, en esta ocasión, es discutir brevemente el concepto de paisaje urbano y, en paralelo, el análisis del paisaje urbano realizado en la ciudad histórica mencionada, el 26 y 27 de junio de 2014. Para comprender mejor y aclarar el tema, los métodos utilizados fueron la investigación de campo y la investigación teórica. En la primera etapa, se realizó una revisión bibliográfica de libros, artículos y sitios web que tratan sobre el concepto de paisaje urbano en la Geografía. Entre las referencias, se destacan Carlos (1992, 1994), Correa (1990) y Santos (1996). En la segunda etapa de la investigación, es decir, la investigación de campo, hemos recorrido y conocido, con un guía turístico, algunos lugares de la ciudad de Pirenópolis-GO. De los debates, podemos señalar de antemano que la percepción del geógrafo no puede ser la percepción del turista. Analizando el centro histórico colonial de Pirenópolis-GO, también debemos cuestionar sus usos y quién realmente tiene la oportunidad de disfrutar de esa construcción histórica que fue transformado por el turismo, en una mercancía.

PALABRAS-CLAVE: *Ciudad histórica. Paisaje urbano. Geografía.*

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica, assim como todos os campos do conhecimento científico, possui alguns conceitos específicos denominados conceitos chaves. Estes conceitos, na ciência geográfica, são aqueles capazes de sintetizar a sua objetivação, ou seja, compõem o ângulo específico por meio do qual sociedade é analisada pela Geografia, conferidas a sua identidade e sua autonomia, mesmo que relativamente, no âmbito do conhecimento científico.

Na arena científica, a Geografia é resguardada por cinco conceitos chaves. Todos estes conceitos geográficos possuem entre si um forte grau de parentesco,

são independentes da teorização elaborada e referentes à ação do homem (sociedade) na modificação da superfície terrestre. Os cinco conceitos geográficos são: região, espaço, lugar, território e paisagem.

Mediante o exposto e, sem a intenção de desmerecer algum conceito citado acima, salientamos que não é nosso propósito, no momento, debater conceitualmente e particularmente cada um destes conceitos chaves da Geografia. Nesse ensejo, em específico, objetivamos abordar o conceito de paisagem urbana e, de modo paralelo, discorrer sobre as análises da paisagem urbana realizadas durante o trabalho de campo no município de Pirenópolis-GO, nos dias 26 e 27 de junho de 2014. Dessa forma, justificamos a elaboração desse artigo, também, como requisito para obtenção de nota na disciplina “Paisagem urbana”, cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

Para entender e melhor elucidar a temática, as metodologias adotadas na pesquisa foram: pesquisa teórica e pesquisa de campo. Na primeira, procedemos a revisão bibliográfica de livros, artigos e *sites* que trazem abordagens acerca da discussão geográfica do conceito de paisagem urbana. Dentre estas referências, destacamos Carlos (1992, 1994), Corrêa (1990), Santos (1996), entre outros. No segundo momento da investigação, ou seja, na pesquisa de campo, percorremos e conhecemos, com um guia turístico, alguns locais da cidade de Pirenópolis-GO.

DESENVOLVIMENTO

O século XVIII foi um momento da história brasileira e goiana de surgimento de vários lugarejos ligados ao garimpo, dos quais muitos se tornaram cidades, como as hodiernamente conhecidas: Cidade de Goiás (Vila Boa), Santa Cruz, Cavalcante, Pirenópolis (antiga Meia Ponte), entre outras. Lima (2005) afirma que:

No Estado de Goiás, um grande número de cidades nasceu da atividade de exploração do ouro. Algumas prosperaram, outras estagnaram e algumas desapareceram. A mineração, seja ela sob forma de garimpo ou industrial, é um fator, por excelência, de

urbanização pela quantidade de pessoas que requer, e pelo tempo despendido na atividade e pelas riquezas que produz (LIMA, 2005, p. 7828).

Assim, é verdade, também, que em algumas cidades a mineração foi apenas um referencial histórico de ocupação do território goiano, como aquelas que possuem seu surgimento como entreposto das minas dos Goyazes, ou seja, como local de descanso dos bandeirantes, viajantes que viam do Sul e do Sudeste do País em busca de riquezas no garimpo goiano.

Lima (2005) ressalta que o exaurimento do minério fez com que as cidades que haviam adquirido importância regional, pelo fluxo de pessoas e produtos, buscassem outras atividades econômicas, tais como a pecuária, a agricultura e o turismo. As cidades de Pirenópolis, Cidade de Goiás, entre outras, são exemplos interessantes e marcantes da decadência e da busca de outras atividades econômicas em Goiás.

Segundo Lima (2005), em Pirenópolis-GO, além das atividades agropecuárias e dos pequenos garimpos que ainda resistem, a principal atividade econômica da atualidade é o turismo, o qual se sustenta no potencial ecológico existente e na arquitetura colonial da cidade, bem como nas festas e nos costumes antigos.

O guia turístico da cidade de Pirenópolis-GO destacou que, conquanto hoje o garimpo do ouro em aluvião tenha se tornado praticamente artesanal, outras atividades, além das anteriormente levantadas por Lima (2005), podem ser citadas, como a produção de frutas no município (abacaxi, banana, tomate) e, principalmente, o valor e as riquezas econômicas na cidade no tempo mais recente, como a mineração da rocha quartzito micáceo (conhecida localmente como “pedreira”).

A atividade de mineração de quartzico-micáceo tem trazido muitas riquezas para a cidade de Pirenópolis-GO e, de certa forma, tem dinamizado o seu processo de urbanização, pois diferentemente do turismo, que atrai pessoas temporariamente, a mineração exige uma população mais fixa, que resida na própria cidade. Por

consequente, isto gera um novo conteúdo (especialidade) e, ao mesmo tempo, altera a paisagem urbana da cidade, uma vez que surge a necessidade de mais casas, hospitais, escolas etc.

Segundo o guia turístico, a paisagem urbana de Pirenópolis-GO tem sido marcada por conflitos urbanos, tanto pelos especuladores imobiliários e pelos agentes empresariais da mineração, que, de certa forma, avançam em direção ao perímetro urbano, quanto pelo turismo na parte histórica da cidade, que cria uma especificidade de interesse, aumentando os conflitos. Ademais, há trabalhadores que, também, têm reivindicado e lutado por novas áreas para moradia, recorrendo, em alguns casos, à ocupação de áreas sem construções, fora da parte histórica (arquitetura colonial).

Um exemplo interessante, comentado anteriormente, refere-se ao conflito entre os diferentes agentes espaciais na cidade de Pirenópolis-GO. Tal conflito tem alterado, de forma um tanto silenciada, a paisagem urbana, conforme relatou o guia turístico da cidade, segundo o qual tem sido comum, no centro histórico, os proprietários acabarem com os quintais das casas ou, pelo menos, diminuírem-nos para construírem barracos, cuja finalidade é o aluguel para os turistas.

A situação tem se agravado com a proibição, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), das alterações na paisagem das casas, tombadas em um todo como patrimônio, somada ao fato deste mesmo órgão não permitir construções com mais de 8 m de altura no centro histórico.”

Figura 1: Quintais dos antigos casarões



Fonte: MARQUES, G. P. 2014.

Como podemos ver na figura 1, acima, antigamente os quintais eram enormes, visto que as famílias tinham que buscar a autossuficiência localmente, para todos os membros. Todavia, o tempo mudou, os carros motorizados substituíram os cavalos e as casas do centro histórico, que começaram, em meados da década de 1980, a sofrer alterações em razão da construção das garagens para guardar os automóveis, rapidamente, tiveram que redirecionar seu uso. Hoje, o centro histórico não tem mais o uso centrado na moradia, e sim no objetivo de ganhar dinheiro, com bares, sorveterias, restaurantes, bancos, entre outros estabelecimentos.

Sobre isso, Corrêa (1990) faz importantes ponderações que contribuem para entendermos o espaço urbano e suas complexidades:

O espaço urbano capitalista - fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas - é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORRÊA, 1990, p. 11).

Assim, o espaço urbano é marcado por diversos agentes sociais que vão configurando novas tonalidades, movimentos, ritmos, táticas de lutas e modos de viver expressos na paisagem urbana. Para Santos (1996), a paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança. Destarte, podemos definir paisagem como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Nas palavras de Carlos (1992), a paisagem urbana:

[...] aparece como um 'instantâneo', registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal, tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela do aparente, do imediatamente perceptível, representação, dimensão do real que cabe intuir. (CARLOS, 1992, p. 35, grifo do autor).

Portanto, ao analisar a paisagem urbana de Pirenópolis-GO, são perceptíveis, a olho nu, as diferentes paisagens da parte histórica (originárias do período colonial) em face das paisagens construídas no período mais recente, no final do século XX e início do século XXI. Dessa forma, “podemos também perceber que essas construções não são iguais do ponto de vista arquitetônico, datam de tempos diferentes” (CARLOS, 1992, p. 35). Veja, a seguir, a figura 2 – parte histórica de Pirenópolis-GO:

Figura 2: Casarão construído no período colonial e a resignificação do seu uso atual



Fonte: MARQUES, G. P. 2014.

Então, temos a dimensão de vários tempos impregnada na paisagem urbana da cidade em estudo. As formas da paisagem urbana de um determinado momento do passado podem perder a sua função original e passar a ter outra função. No caso da figura 2, possivelmente, uma casa de moradia cedeu lugar ao setor comercial (restaurante). Vale anotar que isto é muito expressivo em todo o centro histórico de Pirenópolis-GO.

Santos (1996) traz muitas contribuições à discussão da percepção e do conhecimento da paisagem. Para o autor, a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção e o que chega aos sentidos, porém a sua percepção é sempre um processo seletivo de apreensão, uma vez que cada pessoa vê a paisagem de forma diferenciada.

Diante disso, consideramos importante esclarecer que jamais poderemos cair na armadilha e captura de mundo entre a realidade e a sua representação. Pois, mesmo que façamos o uso de fotografias para representar algumas paisagens, esses registros fotográficos dificilmente representarão para o leitor a totalidade da paisagem, porquanto a paisagem não é a fotografia. Esta é, pois, a captura de um momento da paisagem que, embora façamos o seu uso para representar um momento específico da paisagem, não a substitui.

Inferimos, assim, que temos de centrar nossas análises e avaliações para além do aparente, do visível da paisagem que se retrata congelada, paralisada. Portanto, para o melhor e maior entendimento da paisagem urbana, temos que buscar a sua essência. Ao observar o centro histórico de Pirenópolis-GO, por exemplo, poderíamos afirmar que as construções são elementos estáticos da paisagem. Entretanto, dependendo do dia e da época do ano, teremos outras percepções. Bom exemplo disso são os momentos de festividades e religiosidades da cidade, como as Cavalhadas e a Festa do Divino Espírito Santo, em que se agita a população local e o próprio movimento dos turistas na cidade. Dessa forma, conseguiremos ter uma melhor leitura do “escondido” movimento da paisagem.

Nesse contexto, a “paisagem não é só é produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do comer e beber, enfim, do viver” (CARLOS, 1992, p. 38). A paisagem é humana, histórica e social e revela todo dinamismo das relações humanas a partir do trabalho, entendido como trabalho social. Então, a paisagem deve ser entendida como um processo, e não apenas enquanto forma. A partir desse entendimento do conceito de paisagem, é necessário ir além e ver as suas contradições e heterogeneidades.

Sendo uma paisagem escrita sobre a outra, em permanente mudança, cumpre dizer que, anos após anos, em busca de lazer, centenas de turistas hospedam em Pirenópolis-GO e ficam encantados com as riquezas; sejam as de ordem natural, como as cachoeiras, as reservas ambientais, os parques, as serras e

os mirantes; seja a riqueza arquitetônica, como os casarões e as igrejas com fortes traços da cultura européia e africana.

Difícilmente, esses turistas questionam o fato de que, no passado, essas construções foram construídas pelo trabalho escravo e que o centro histórico era, e é até os dias atuais, propriedade de uma elite. Evidência disto é a afirmação do guia turístico de que qualquer casa colonial pode ser vendida, com facilidade, por mais de um milhão de reais. Assim, ser proprietário de uma casa no centro histórico não é para qualquer pessoa, mas para poucos. Então, apreendemos que aquela paisagem marca as contradições da sociedade capitalista no passado e no presente. Nos dias de hoje, o descendente do índio e do escravo, em sua maioria, mas não de forma homogênea, tem o centro histórico-colonial de Pirenópolis-GO como locus de trabalho. Inclusive, os bairros de moradia, onde no século anterior predominavam negros, já foram apropriados, atualmente, pelo mundo do dinheiro, alterando seu uso.

Ao estudar a paisagem, não se podem desconsiderar a sociedade e o trabalho, os quais, assim como a paisagem, jamais poderão ser lidos como homogêneos e estáticos. É questionável dizer que a cidade histórica e colonial de Pirenópolis-GO é um lugar de lazer. Primeiramente, deve-se atentar a quem estamos referindo este lazer, pois o centro histórico se redimensionou ao longo do tempo e transformou-se em uma área a ser consumida pela lógica do mundo do dinheiro. Certamente, a manutenção dos traços coloniais na arquitetura é fruto do interesse não apenas do povo que possui sua história de vida e sua cultura ligadas àquele estilo colonial, mas, ainda, pelo motivo do sistema capitalista perceber que esse passado memorado, guardado na mentalidade e na história do povo, também pode ser consumido e vendido.

CONCLUSÃO

É sabido que a paisagem, na Geografia, possui uma literatura muito extensa e de grande importância. Assim, de forma geral, procuramos fazer uma breve

discussão sobre a experiência em campo e o processo de abordagem teórica da paisagem, conjuntamente à análise desta na cidade de Pirenópolis. Nesse sentido, a partir das leituras, reflexões e discussões em sala de aula, na disciplina Paisagem Urbana, buscamos, a todo momento, relacionar a prática e a teoria e vice-versa.

As aprendizagens e conhecimentos adquiridos foram vários, porém as indagações, questionamentos continuam a surgir na nossa leitura da paisagem. Na etapa teórica, pudemos compreender que a nossa percepção da paisagem é influenciada pela teia cultural. Não discordando disso, ressaltamos que é verdade também que, mesmo dentro desta teia, a percepção do sujeito não é igual a de outros, porque são percepções heterogêneas.

Ao analisar a paisagem na cidade de Pirenópolis-GO, foi possível entender melhor esta ideia. Compreendemos que a percepção da paisagem deve, antes de qualquer julgamento, servir para eliminar os nossos pré-conceitos e autoritarismo, tanto do ponto de vista da vida quanto do planejamento. O mundo influencia a percepção da paisagem, mas, concomitantemente, a percepção da paisagem pode influenciar o mundo.

A paisagem tem uma importância prática ainda pouco compreendida e que precisamos reconhecer. Por meio da disciplina, foi possível entender que é extremamente importante conseguir promover um diálogo entre prática e a teoria. Nessa perspectiva, é como retratado na frase popular: “se dissermos que sabemos fazer e não fizemos é porque ainda não sabemos”. Desse modo, o conceito de paisagem, na Geografia, deve ser cautelosamente aplicado para não ser capturado pela lógica produtivista capitalista.

O conceito de paisagem dará a nossa especificidade enquanto área autônoma do saber científico. Isso não lhe garante a falsa ideia da neutralidade. Temos que ir além da forma e da aparência da paisagem e, assim, alcançar a sua essência, a contradição e o movimento que estão por trás. A paisagem geográfica deve ser estudada para entender o mundo. Se isto não for feito, o geógrafo não estará cumprindo o seu dever. Ao observar a paisagem na cidade de Pirenópolis, não há como o geógrafo ficar apenas encantado com o “canto da sereia”, porquanto

Ihe caiba buscar entender o mundo além do que os seus olhos conseguem ver, ou seja, o geógrafo deve fazer uma leitura em busca da totalidade. Ao olharmos, lembramos o passado e, certamente, a forma nos encanta e fascina. Todavia, temos que estar atentos à apropriação, aos conflitos, à segregação camuflada, pois os olhos, sozinhos, jamais conseguirão vê-los.

Para finalizar, reiteramos que a paisagem está sempre em movimento e é produzida e reproduzida, vinte e quatro horas por dia, pelos homens a partir do seu trabalho. Mesmo quando se questiona sobre o fato de que nem tudo que está na paisagem é fruto do homem e de seu trabalho, precisamos nos perguntar o quê tem sentido e coerência no mundo sem o homem e o seu trabalho. A ciência existiria sem o homem? Por mais que tentemos argumentar, nada existe fora do social. Então, a análise e a percepção da paisagem são extremamente importantes para que o geógrafo desperte a sua consciência do mundo. É, nesse sentido, que o conceito de paisagem figura o ângulo por meio do qual este sujeito deve olhar o mundo em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1990.

LIMA, V. B. **Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás: o estudo de Catalão (1970-2000)**. 2003. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996.